


“...TÃO SOMENTE AMIGAS”?: PENSANDO O QUEER EM TODOS NÓS ADORÁVAMOS CAUBÓIS DE CAROL BENSIMON

“...Tão somente amigas”?: *thinking the queer in Carol Bensimon’s Todos nós adorávamos caubóis*

Ruan Nunes Silva

 <https://orcid.org/0000-0002-5109-5199>

Universidade Estadual do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Teresina, PI, Brasil.
64049-550 – cchluespi@gmail.com

Resumo: O presente artigo propõe uma investigação teórica das interações entre teoria queer e as discussões sobre identidades ao analisar o romance brasileiro *Todos nós adorávamos caubóis* de Carol Bensimon, publicado em 2013. Partindo de uma discussão sobre a heteronormatividade (MISKOLCI, 2016), elabora-se um comentário sobre a teoria queer e sua política pós-identitária buscando destacar não só a metáfora da viagem dentro da narrativa selecionada, mas também a fragmentação e o deslocamento das identidades das protagonistas, Cora e Júlia, durante a sua *road trip* pelo interior do Rio Grande do Sul. Traçando pontes e limites entre a teoria queer e os estudos gays e lésbicos, discute-se como uma leitura do romance de Bensimon é sintomática das proposições da própria indefinibilidade teórica da teoria queer como forma de investigação do cenário literário contemporâneo. Privilegiam-se, entre outros, as contribuições teóricas de Carla Rodrigues (2009), Linda Hutcheon (2003), Steve Seidman (2004), Diane Richardson (2006) e Guacira Lopes Louro (2016) para a discussão proposta.

Palavras-chave: Carol Bensimon. Identidades. Teoria queer.

Abstract: This paper aims to offer a theoretical investigation of the interactions between queer theory and the discussions on identity by analysing the Brazilian novel *Todos nós adorávamos caubóis* by Carol Bensimon, published originally in 2013. Departing from a discussion on heteronormativity (MISKOLCI, 2006), critical commentary on queer theory and its post-identity politics is provided with an eye to highlighting not only the metaphor of the voyage in the chosen narrative, but also the fragmentation and the shifting of Cora and Julia’s identities, the protagonists, while on their road trip throughout the countryside of the Brazilian state of Rio Grande do Sul. Analysing bridges and gaps between/in queer theory and gay and lesbian studies, it is highlighted that Bensimon’s novel is representative of the indefinability of queer theory as a way to investigate the contemporary literary scene. Some theoretical contributions considered in this paper were developed by Carla Rodrigues (2009), Linda Hutcheon (2003), Steve Seidman (2004), Diane Richardson (2006) and Guacira Lopes Louro (2016).

Keywords: Carol Bensimon. Identities. Queer theory.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons - Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Pode-se dizer que tem sido fértil o uso da literatura como espaço de resistência para escritores que não só pertencem, mas que também escrevem sobre grupos minoritários. Cada vez mais a literatura tem sido utilizada como instrumento na luta contra o preconceito para assegurar que as vozes daqueles previamente silenciados sejam de fato ouvidas. Nessa linha de raciocínio, falar então sobre uma literatura *queer* significa sublinhar a presença de sujeitos considerados ex-cêntricos na leitura de Linda Hutcheon (2003) e compreender de que maneiras estes se constroem discursivamente como sujeitos e objetos da escrita. Significa, também, colocar em evidência uma parcela do vasto grupo LGBTQ+ que era constantemente deixado de lado, tornando-se alvo de noções estereotipadas. Daí a importância de pensar a temática das identidades a partir das discussões dos estudos gays e lésbicos e também da teoria queer.

Escrever sobre a existência de uma literatura queer é uma forma de expressar outro olhar dentro de uma sociedade marcada por um regime heteronormativo, termo que designa uma forma de reger o mundo baseado em valores heterossexuais. De maneira estruturada e hierarquizada, os discursos sociais utilizam diversas ferramentas para criar modelos de sujeitos que são considerados “normais” ou “abjetos”, promovendo hierarquias nas quais todos aqueles que destoam das normas são vistos com desconfiança e como perigosos para a ordem. Todos aqueles que quebram com o modelo esperado são encaixados na segunda categoria e tratados como abjetos: são membros desse segundo grupo os sujeitos negros, as mulheres não brancas (*women of colour*), sujeitos LGBTQ+, gordos etc. Ser queer então pode ser compreendido como mais que discussões sobre sexualidades não-heteronormativas: “Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina.” (LOURO, 2016, p. 8) Ser queer é, portanto, mais que uma percepção da diferença na sexualidade como foco, pois sujeitos queer são todos aqueles tratados como abjetos dentro de regimes de verdade que transformam todos os que são diferentes em perigo iminente.

Propomos neste trabalho discutir de que maneiras a teoria queer surge como uma forma de resistência nos estudos literários e também investigar a obra *Todos nós adorávamos caubóis* de Carol Bensimon (2013) como sintomática da ambivalência teórica do que chamamos de teoria queer. Notar-se-á que neste trabalho defende-se o pensar nas produções contemporâneas como locus de discussão da teoria queer, ou seja, a literatura contemporânea é um espaço no qual a teoria queer se consolida enquanto forma de não só ler a literatura, mas também como uma maneira de pensar o mundo. Surge nesta discussão a necessidade de delinear o que se compreendia por estudos gays e lésbicos e como estes diferem, em alguns pontos, da teoria queer.

Os estudos gays e lésbicos foram influencias ao colocar em questão como os discursos – religiosos, morais, sociais, biológicos – foram utilizados para normalizar todo e qualquer sujeito que transgredisse a regra. Isto significa apontar para a existência de construções sociais regidas por símbolos heteronormativos que tendem a homogeneizar a sociedade com o intuito de manter o controle. É necessário notar a relevância das contribuições políticas e teóricas dos estudos gays e lésbicos que se instituíram nos Estados Unidos a partir, especialmente, do movimento pós-Stonewall. Entretanto, sintomático da herança heteronormativa na qual o

movimento surgiu, as reivindicações políticas assumiram tons semelhantes aos que as ações gays e lésbicas buscavam contradizer. Em outras palavras, os estudos gays e lésbicos legitimaram determinados discursos segregacionistas através de conluio com a heteronormatividade que é definida como:

a ordem sexual do presente, no qual todo mundo é criado para ser heterossexual, ou – mesmo que não venha a se relacionar com pessoas do sexo oposto – para que adote o modelo de heterossexualidade em sua vida. Gays e lésbicas normalizados, que aderem a um padrão heterossexual, também podem ser agentes da heteronormatividade. (MISKOLCI, 2016, p. 15).

O sociólogo Richard Miskolci (2016) explicita que mesmo grupos considerados subversivos ou abjetos podem ser agentes de processos de normalização ao perpetuarem a ordem sob a qual foram criados. O ato de ser gay ou lésbica não necessariamente exclui o sujeito de um sistema de violência simbólica (BOURDIEU, 1998) na qual eles são normalizados e até mesmo perpetuam noções discriminatórias herdadas de suas vivências heteronormativas. É justamente por tal motivo que Miskolci (2016) aponta que aqueles que quebram as noções impostas pela heteronormatividade se tornam o alvo de práticas homofóbicas por não se colocarem dentro do binarismo esperado. A teoria queer pode, portanto, criticar também aqueles sujeitos LGBTQ+ cujas bases ideológicas perpetuam atitudes que segregam outros indivíduos. É por esses apontamentos críticos que a teoria queer desenvolve que ela se propõe antinormativa: a celebração da diferença como parte da sociedade é uma forma de desconstruir discursos que normalizam e controlam sujeitos, causando dor, sofrimento e angústia.

No campo literário, adotar uma perspectiva queer significa repensar como as obras podem oferecer uma visão de sujeitos previamente subalternizados por suas identidades consideradas subversivas, criminosas e anormais. Ao colocar a heterossexualidade fora de sua zona de conforto (MIKOLSCI, 2016), o questionamento de discursos e normas se torna um trabalho constante, significando que até mesmo aquelas estruturas consideradas normais se tornam alvos de dúvidas e reavaliações. A teoria queer permite refletir sobre a estrutura que regia as formas diferentes de se existir no mundo ao colocar em pauta que indivíduos homossexuais previamente participaram ativamente na produção de um sistema excludente para outros.

Uma diferença entre os estudos gays e lésbicos e a teoria queer é que a segunda se consolida como uma forma de reavaliar os avanços políticos e teóricos dos sujeitos que antes eram dicotomizados como gay ou lésbica. Diane Richardson (2006) afirma que, embora o foco da teoria queer seja problematizar as noções identitárias como “homem”, “mulher” e “gay”, existe uma tensão inevitável entre os feminismos e a referida teoria. Para a teórica, além de questões de instalação acadêmica de ambas que não será abordada aqui, críticos queer argumentam que as práticas feministas reforçam e mantêm estruturas e categorias binárias em seu lugar. Em outras palavras, os feminismos estariam, mesmo que involuntariamente, perpetuando a noção de estabilidade de identidades ao indagarem sobre o sujeito mulher como uma unidade – o mesmo tipo de resultado dos estudos gays e lésbicos em suas pautas em prol destas identidades. Embora já se possa de antemão afirmar a importância dos feminismos na

contemporaneidade e discordar de tal posição teórica, faz-se necessário repensar como as políticas identitárias podem ser armadilhas para grupos que reivindicam seus espaços na sociedade.

Steven Seidman (2004) afirma que a política identitária gay¹ possuía um escopo limitado aos interesses de um grupo e que estas identidades eram separadas por questões como raça, gênero e classe, temas ainda presentes em análises feministas e queer. Para Seidman (2004), é essencial compreender as maneiras como as políticas de diferença que surgiram no final dos anos 1970 promoveram certas desestabilizações das identidades gays e lésbicas para que, mesmo limitadamente, se repensasse o propósito das políticas minoritárias. Na visão do teórico, as tentativas de criar comunidades gays e lésbicas não tiveram os resultados esperados justamente por promoverem um apagamento de outras comunidades que não se sentiam representadas por tais imposições identitárias (SEIDMAN, 2004).

A contestação de uma identidade gay e lésbica ainda reverbera na contemporaneidade, especialmente em tempos de discussões sobre os usos políticos da teoria queer. Embora as discussões acerca dos estudos gays e lésbicos ainda sejam frutíferas a partir do pensamento do essencialismo estratégico, conforme operado pela crítica indiana Gayatri Spivak (1990), muitos estudos contemporâneos se alimentam da possibilidade da teoria queer abarcar as diferenças enquanto forma de privilegiar as discussões pós-identitárias. Cabe desde já ressaltar que, na leitura proposta, não se pensa em pós-identitário como o fim das identidades, mas sim uma forma de encarar as identidades como identificações, a diferença como parte integral do existir de sujeitos. Desse modo, não se espera que as discussões sobre identidades/identificações sejam exauridas, justamente em tempos austeros nos quais sujeitos LGBTQ+ buscam representatividade em diversos campos.

É necessário, no entanto, retornar ao tema da heteronormatividade dentro dos estudos gays e lésbicos para melhor tratar sobre identidades/identificações na teoria queer. Segundo Linda Garber (2006), existe ainda um perigo em permitir que a teoria queer seja apropriada apenas por reflexões sobre homens, o que representaria um novo apagamento das mulheres, estas já tão histórica e socialmente marginalizadas. Garber (2006) não se opõe aos estudos que discutem a teoria queer e sujeitos também silenciados por suas sexualidades, porém a teórica sinaliza que muitos destes parecem promover uma definição do campo queer, mesmo quando a intenção da teoria é se manter fluida e indefinível. A recusa em aceitar identidades por parte de alguns teóricos queer é, na visão de Garber (2006), perigosa por talvez invisibilizar as opressões vividas por diferentes sujeitos em suas relações com gênero, raça e classe. Deste modo, cabe questionar de que formas a teoria queer não pode ser abarcada como referencial teórico fechado ou mesmo propor uma definição que possa exaurir o campo justamente daquilo que mais lhe é precioso: a possibilidade de diferenças co-existirem sem definições estanques.

Contudo, considerando que as representações dos sujeitos femininos na sigla LGBTQ+ ainda carecem de mais teorizações, preferimos neste trabalho utilizar o termo identidades a

¹ O texto de Seidman fora originalmente publicado em 1993 e o adjetivo gay era então utilizado como forma de abarcar outras identidades que hoje identificamos como LGBTQ+.

partir da discussão proposta pela filósofa Carla Rodrigues (2009) ao tratar do feminino e de “identidades que tremem”:

Não se trata de pensar em algo novo – o que nos levaria ao risco da instituição de um terceiro termo –, mas de embaçar, estremececer, abalar as posições fixas que fundamentam o masculino e o feminino, não com o intuito de por um fim nas diferenças, mas reconhecendo que a diferença é mais complexa do que a sua suposta estrutura binária. (RODRIGUES, 2009, p. 86).

Não se quer pensar que o feminino ou as identidades femininas devem ser apagadas para que sejam parte da teoria queer, porém tampouco se quer construir um essencialismo no qual a definição de feminino retornaria aos sujeitos noções de como devem pertencer ou ser. Identidades femininas não são compreendidas aqui como estáveis ou imutáveis, daí a noção de “identidades que tremem” ser fundamental para compreender como as identificações são constantes e variadas. Justifica-se assim o uso do termo identidade(s) feminina(s) utilizado neste trabalho: uma defesa contra a marginalização e o silenciamento que ainda obscurecem parte da produção de escritoras LGBTQ+. Nomear-se é, portanto, uma forma de resistência.

O “silêncio abissal que envolve a prática homossexual feminina” é sinalizado pela pesquisadora Maria Fernanda Vasconcelos de Almeida (2004, p. 162) que também indaga sobre a presença das lésbicas no meio midiático. Ela reconhece que existe uma lesbianidade que é vendida como artigo de consumo e que essa abordagem não só essencializa a sexualidade feminina, mas também a superficializa, não permitindo que as velhas fronteiras binárias sejam rompidas (ALMEIDA, 2004). Em consonância, Lúcia Facco (2004) em *As Heroínas Saem do Armário* reflete como a presença cada vez mais marcante de personagens gays e lésbicas em filmes, novelas, peças de teatro etc, não necessariamente levou ao fim de preconceitos. Facco (2004, p. 77) diz que “devemos nos lembrar de quão grande é a distância entre teoria e prática”, afinal, quebrar conceitos tão enraizados no imaginário social não é uma tarefa simples e rápida.

Uma sociedade estruturada em binarismos – homem/mulher, macho/fêmea, heterossexual/homossexual – não se desfaz de seus discursos facilmente. Existe um jogo que envolve poder e representações por trás destes, mantendo a supracitada hierarquia normalizadora em seu lugar de status. Esses processos de normalização não são sempre tão explícitos como discute Diane Richardson (2006) ao elaborar que existe uma política neoliberal de normalização que enquadra gays e lésbicas como bons cidadãos quando “se comportam” dentro do padrão e buscam, por exemplo, instituições tradicionais como o casamento, a família e até mesmo o serviço militar. Conforme Facco (2004) aponta, são os discursos técnico-científicos que colocam em jogo noções como normalidade/perversão e legalidade/ilegalidade, além de formularem sujeitos de acordo com o “ponto de vista do poder constituído, com o objetivo de indicar, mediante validação, os papéis, as funções de homens e mulheres, dentro das sociedades.” (2004, p. 76).

Uma das formas estabelecidas para homogeneizar sujeitos é a literatura que, apesar das previsões de seu fim, segue sendo um espaço de controvérsias e questionamentos. O material literário ainda carece de indagações sobre quais sujeitos ele representa, especialmente quando

se discute a representatividade de sujeitos de “identidades que tremem”.

A pesquisadora da Universidade de Brasília Regina Dalcastagnè (2012) discorre sobre a ausência de personagens homossexuais nos romances contemporâneos brasileiros. Em *Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado*, Dalcastagnè (2012) descreve uma pesquisa em que foram analisados romances publicados por três grandes editoras no período de 1990 até 2004 e apresenta dados que merecem a atenção de todos os estudiosos do campo. Um dado importante para a discussão aqui proposta é o número de personagens heterossexuais e homossexuais nos romances. Enquanto heterossexuais compõem 81% das personagens analisadas, os homossexuais somam 3,9% – uma diferença gritante entre 1009 e 48 personagens. A diferença se torna ainda mais surpreendente quando se distinguem as personagens homossexuais do sexo masculino e feminino: o primeiro corresponde a 79,2% da quantidade (DALCASTAGNÈ, 2012).

Os números apresentados por Dalcastagnè (2012) denotam um silêncio preocupante em relação à presença de personagens mulheres homossexuais. Assim como a estrutura social silencia as mulheres lésbicas, a literatura parece também ecoar esse jogo perverso. As razões são várias, conforme Almeida (2004) ressalta: a reprodução do discurso dominante dicotômico, as doutrinas de disciplina e domesticação do corpo das mulheres, o monopólio da moral cristã, as crenças nos papéis sociais, os núcleos familiares da classe média em que existem papéis fixos e o discurso reproduz imagens patriarcais. Sendo assim, não é de se estranhar que as personagens lésbicas sejam ex-cêntricas e que assumam um papel metaficcional de “mediadoras entre a realidade tal qual nós a conhecemos e o discurso ficcional que corre nas margens do rio.” (ALMEIDA, 2004, p. 165).

Se a personagem lésbica é parte de um grupo silenciado, faz-se necessário repensar de que modos elas podem ganhar não só voz, mas uma que possa abarcar a multiplicidade de experiências das mulheres homossexuais, afinal, este não é um grupo homogêneo que se possa abarcar na dicotomia *femme/butch* que se populariza na mídia. Surge aqui outra problemática: a representação da mulher na literatura. Se a representação da mulher como objeto da escrita já é uma questão que abarca não só filosofia, história, sociologia e outras áreas, a representação de mulheres lésbicas aponta para a necessidade de se construir uma pluralidade de visões. Partindo desse pressuposto, a literatura pode ser um lócus para desmistificar o imaginário social no qual reinam ainda os ecos do modelo heteropatriarcal falocêntrico (FACCO, 2004).

Um romance com uma protagonista lésbica não precisa necessariamente explorar que as mulheres “femininas” são atraídas por mulheres “masculinizadas”, pois esta noção representa não só um estereótipo das relações lésbicas, mas também segue um padrão heterossexual de oposições masculinas e femininas. Não se quer que regras sejam ditadas sobre o universo literário, porém não se pode ignorar a presença da heterossexualidade compulsória em relação às mulheres. Ao elaborar sobre o termo, Adrienne Rich (2010) aponta para como a heterossexualidade é imposta, exigida, organizada, veiculada por todos os meios e mantida pela força. É através desse controle sobre a sexualidade feminina que se instituem noções como maternidade, desejo e reprodução física, transformando a lesbianidade em uma forma abjeta

que precisa ser corrigida. Observa-se, portanto, que uma relação *femme/butch* pode nutrir essa matriz da heterossexualidade compulsória ao colocar masculino e feminino como pólos de uma relação, da mesma forma que os discursos sobre ativo/passivo fazem nas relações entre homens gays. São essas posições binárias que acabam criando noções de identidades que este trabalho critica: enquanto são também identidades válidas, elas precisam “tremem” justamente porque não se busca estabelecer uma hierarquia sobre como as sexualidades devem funcionar ou existir.

Em uma sociedade regida pela heterossexualidade compulsória e pela heteronormatividade, não se pode negar que a existência lésbica é uma presença subversiva, representando uma ameaça ao contrato heterossexual ao rejeitar a compulsoriedade de um modo de vida (RICH, 2010). Por consequência, a personagem lésbica se torna não só uma criação estética, mas também política, por possibilitar que a literatura privilegie o questionamento de discursos instituídos enquanto discute a questão da representatividade. Será nesta linha de raciocínio que o romance de Carol Bensimon (2013) aqui selecionado será pensado e analisado.

Publicado em 2013, *Todos nós adorávamos caubóis*, é a terceira obra da escritora gaúcha Carol Bensimon. Ganhadora de prêmios como o Jabuti, Bensimon é uma das vozes contemporâneas que se destacam no cenário brasileiro por sua escrita contestadora: seu mais recente romance, *O clube dos jardineiros de fumaça* (2017) trata do cultivo ilegal de maconha na Califórnia e os efeitos dessas práticas na contracultura. Nota-se desde já que a escrita de Bensimon se propõe a abordar os efeitos das culturas alternativas e como esses sujeitos abjetos são partes integrais de nossas vidas. Retornar-se-á agora ao romance investigado neste trabalho.

Todos nós adorávamos caubóis narra de maneira fragmentada a história de Cora e Júlia, duas jovens nascidas e criadas no Rio Grande do Sul. Quando ainda estudavam juntas, Cora e Júlia planejavam realizar uma viagem pelo interior do referido estado, porém a ideia só se concretiza alguns anos depois após ambas terem se distanciando. Com o retorno de ambas – Cora da França e Júlia do Canadá, a viagem outrora deixada como promessa se concretiza e surge como uma forma de questionar as realidades que elas conhecem e que acreditavam como sólidas e concretas. A viagem é, portanto, um tema inescapável na narrativa, pois o queer em cada uma só pode ser analisado e questionado a partir do olhar que a viagem fornece para estas “identidades que tremem”. Através de um diálogo com o gênero *road fiction*, Bensimon não erotiza o corpo feminino para um olhar masculino, afinal, a viagem é empreendida pelas duas protagonistas que compreendem a silenciosa tensão daquela como parte inerente de uma jornada. Assim, a sexualidade é mais um traço a ser identificado na construção das personagens e que dialoga (nem sempre pacificamente) com outras questões como classe e gênero.

Conforme afirmado anteriormente, a metáfora da viagem surge como um elemento-chave em *Todos nós adorávamos caubóis*. Nas palavras de Denilson Lopes (2002, p. 174), “o significado da viagem deixou de ser o descobrimento de continentes e povos desconhecidos, num planeta globalizado, mapeado imagetivamente e invadido pelo turismo de massa.” Se previamente a viagem era uma metáfora de descoberta do mundo, ela se torna simbólica do descobrimento de si e do Outro, uma forma de reconhecimento das subjetividades. A experiência da viagem então pode ser emblemática da fragmentação do sujeito que tanto se

discute na pós-modernidade, em especial a possibilidade de compreender as identidades/identificações como elementos questionados pela ausência de linearidade do próprio sujeito.

Guacira Lopes Louro (2016) também discute a imagem da viagem como elemento queer ao pensá-lo como recurso metafórico na construção de subjetividades. A distância entre si e o Outro surge como revelações de constituições individuais e enfatiza quão “tremidas” são as identidades:

A imagem da viagem me serve, na medida em que a ela se agregam ideias de deslocamento, desenraizamento, trânsito. Na pós-modernidade, parece necessário pensar não só em processos mais confusos, difusos e plurais, mas, especialmente, supor que o sujeito que viaja é, ele próprio, dividido, fragmentado e cambiante. (LOURO, 2016, p. 13).

A viagem é então representativa de fluxos incessantes de negociações de sentidos. O movimento destaca como não existe uma solidez na própria identidade daqueles que viajam, forçando novamente a repensar o que se quer dizer com identidades. No caso de *Todos nós adorávamos caubóis*, questiona-se se a relação entre Cora e Júlia é atravessada por essa inconstância que a própria metáfora da viagem requer. A compreensão delas como “mulheres” é questionada e revisada pelo deslocamento físico e simbólico que realizam em sua jornada pelo interior do Rio Grande do Sul. A noção do sujeito mulher como único e estável é desconstruído a partir das interações entre Cora e Júlia que não buscam se construir ou compreender como oposições.

Misturando presente e passado, *Todos nós adorávamos caubóis* demonstra como a noção de uma identidade fixa e imutável não se sustenta. Stuart Hall (2006) afirma que a identidade é “algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento.” (2006, p. 38). Desse modo, ela é incompleta e em constante processo de formação. Tome-se, por exemplo, a maneira como Cora, a narradora do romance, discute a percepção de seus pais sobre as identidades:

Havia muito tempo eu tinha descartado as conversas sérias. Você sabe, eles votam na esquerda e são a favor dos direitos humanos e das minorias até que você apareça em casa com sua namorada. Então a primeira coisa que dizem é que eles não têm problema algum em aceitar as suas “escolhas”, mas o resto da sociedade, infelizmente, irá estigmatizá-la. E, afinal de contas, eles estão preocupados é com o seu bem. Eles amam o verbo estigmatizar, mas claro que são sempre os outros os responsáveis por todo esse lamentável equívoco. (BENSIMON, 2013, p. 46-47).

A atitude de Cora demonstra que ela rompe com o padrão esperado pelos seus pais, mesmo que eles também quebrem certos paradigmas sociais no Brasil superficialmente – votar na esquerda, acreditar na função dos direitos humanos, apoiar as minorias. Cora ressalta que a conversa nunca ter acontecido de maneira séria pareceu também poupá-la de ouvir que ela estaria perdendo a oportunidade de ter um filho ou que estaria negando a oportunidade dessa criança crescer “no seio de uma família normal.” (BENSIMON, 2013, p. 47). Crescer,

estabelecer uma família, localizar-se dentro do sistema: estratégias heteronormativas que domesticam e normalizam sujeitos dissidentes. O queer surge ao nomear como estas formas de existir são respeitáveis a partir do ponto de vista até mesmo dos sujeitos progressistas que os pais de Cora seriam. A ideia de estigmatização que eles abordam ressalta a hipocrisia do discurso do dia-a-dia e coloca em xeque a posição de Cora como incapaz de dialogar sobre si. Diferente de Cora, ligada ainda aos discursos normativos, Julia burla os limites ao se inserir nos cenários heterossexuais e lésbicos, enfatizando o limiar no qual vive sem impor algum tipo de rigidez sobre si.

Apontar como a identidade de Julia está em um devir constante se torna um doloroso prazer para Cora que deseja a amiga e a estuda minuciosamente durante a viagem. Ao não se assumir como Cora quer, Julia demonstra que existem muitos tons de cinza para além do branco e do preto que Cora designa para se localizar socialmente. Ser queer é ser “a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada, e portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora.” (LOURO, 2016, p. 39). É nessa ausência de palavras que um jogo de dissidências sexuais se constrói, forçando Cora a repensar as ressignificações de como as identidades são fluídas e em constante formação. Diferente de Júlia, Cora não enxerga que as identidades podem “tremar” e se deslocar sem criar necessariamente um novo espaço sólido.

Todos nós adorávamos caubóis inicia com Cora buscando Júlia em um hotel em Porto Alegre. Após receber uma mensagem de sua amiga, Cora decidira retornar ao Brasil sem muita certeza do que ocorreria. Até então ela havia aceitado que sua vida em Paris andava aparentemente bem, porém ao encontrar Julia em Porto Alegre, ela percebe que suas decisões passadas não estavam tão sólidas como acreditava. Semelhante processo se observa com Julia, com a exceção de que Cora jamais escondera seus sentimentos. Elas embarcam em uma viagem de carro pelo interior do Rio Grande do Sul e, durante a *road trip*, Julia revela detalhes de seu relacionamento com Eric, rapaz que conheceu e namorava enquanto morava em Montreal. Diferente de Cora, cuja sexualidade é explicitada desde o início do romance uma vez que é a narradora, a sexualidade de Julia parece sempre estar flutuando entre pontos.

Quando jovens, Julia e Cora eram amigas inseparáveis. A narrativa constrói uma como o lado oposto da outra: a família de Cora era de classe média da capital e explorava temas políticos em casa enquanto a família de Julia era do interior e deixava clara a intenção de manter a hierarquia patriarcal em seu lugar. As diferenças sociais e geográficas não são suficientes para demarcar as identidades das protagonistas: a jornada de cidade em cidade se torna cada vez mais densa não só pelas pessoas que elas conhecem no caminho, mas pela tensão de que há algo acontecendo entre elas sem que haja uma discussão clara.

É interessante notar que, apesar de constantemente desafiar as noções identitárias de Cora, a atitude de Julia parece fixada na memória, especialmente quando passam por Soledade, sua cidade natal e um dos destinos da *road trip*. Como Cora jamais pisara na cidade de Julia, elas decidem visitar o lugar para ver a casa onde Julia morara, já que seus pais não mais ali residem. O susto de Julia ao descobrir que uma tia sua pintara a casa de cores diferentes a leva a perceber que uma parte de si está sendo deslocada e que voltar ao seu antigo lar não significava mais um

tipo de segurança. O desconforto sentido marca um crescimento em Julia que Cora parece ignorar por se compreender inicialmente como “completa”, mesmo que através de suas falas ela se perceba confusa e sem sentido. Esse momento é apenas mais um de uma série em que Julia demonstra seu incômodo em perceber que sua identidade está sendo deslocada sem que ela tenha desejado. Outro momento de ressignificação para Julia é a revelação para Cora de que o nome de sua amiga advém de um falecido irmão sobre quem jamais ouvira falar e cuja lápide no cemitério da cidade ela e Cora buscam. A segurança que a cidade de Julia oferecia se esvazia já que ela não pode mais contar com essa ficção para criar uma persona, exatamente aquela que tanto seduzira Cora no início. Assim, a *road trip* de Cora e Julia não é feita apenas de um foco na sexualidade, exemplificando que pensar que as decisões de Julia baseadas em seus anos de formação não é uma via de mão única sem questionamentos. Daí pensar que o queer é o estranhamento que surge na relação entre ambas e que se revela mesmo nas situações tratadas como pequenas ou irrelevantes, porém que contestam a possibilidade de ambas existirem como a mesma definição de mulher.

Com o passar da viagem, a relação de Cora e Julia se torna cada vez mais complexa, uma vez que a primeira descreve a sua inquietação de Julia apenas se relacionar com ela em lugares fechados ou escuros, deixando óbvia uma metáfora entre liberdade/claridade e prisão/escuridão:

Nós nunca tínhamos feito sexo em lugares iluminados, exceção feita aos banheiros dos postos de gasolina e, mesmo nesses casos, assim que cruzávamos a porta, lá estávamos eu e Julia de novo no meio da noite. A noite é permissiva como um tio distante. Basta ela terminar para que terminem também toda a flexibilidade das regras e todos os atalhos possíveis. Os caminhos são mais longos de dia. O que quer dizer que nós nunca tínhamos transado antes de o sol se pôr. (BENSIMON, 2013, p. 115).

Essa leitura sobre liberdade/claridade e prisão/escuridão se repete quando Cora tenta beijar Julia, mas esta vira o rosto por medo de que uma mãe e sua filha as vejam. Ao refletir sobre o evento, Cora ressalta que, enquanto ela queria exibir Julia, sua amiga queria escondê-la como se sentisse vergonha.

Retraçar as razões dessa vergonha era, nesse ponto, insignificante. Tanto fazia a forma como ela fora criada e por quanto tempo teve que freqüentar a igreja aos domingos e se seu ideal romântico se formou e permaneceu inalterado desde a primeira Barbie e o primeiro Ken. Nada disso mudava o fato de que, para todos os efeitos, ainda que ela me empurrasse para o meio das suas pernas, cravasse as unhas em mim, gritasse, deitasse a cabeça na minha barriga depois, nós continuávamos sendo tão somente boas amigas. (BENSIMON, 2013, p. 150).

De maneira irônica, Cora lista como a heteronormatividade direciona o desejo do sujeito na sociedade: a Barbie só pode desejar o Ken e este será o ideal romântico que permeará a vida da população. Além disso, Cora explicita a relação entre igreja e sexualidade sem precisar se aprofundar, afinal, o subtexto de Adão e Eva, o homem e a mulher, é uma chave interpretativa para os papéis sociais. Entretanto, mesmo todo o controle heteronormativo não era suficiente

para aplacar a tensão sexual que ambas expressavam, destacando a forma como o queer busca apontar as inconsistências dos nossos discursos.

A viagem que Cora e Julia fazem pelo interior do Rio Grande do Sul oferece insights geográficos de regiões inóspitas para as protagonistas, realçando como a metáfora da viagem serve para uma análise queer: a viagem pelo interior é uma viagem para o interior de ambas. A tentativa de recuperar algo do tempo perdido através da promessa da viagem se torna o meio pelo qual ambas tentam compreender as suas sexualidades e seus desejos. É curioso pensar que o desenho do interior como antiquado e incapaz de compreender a tensão sexual entre as duas jovens é justamente uma força que revela a tensão entre ambas: são as identidades sendo lentamente esfaceladas sem necessariamente saber para onde elas caminham. Uma perspectiva queer evidencia que, enquanto Cora se identifica como bissexual, ela ainda é um produto de uma perspectiva normalizadora que cria um padrão para o que significa ser lésbica.

Sim, eu me sentia atraída por garotas. Tecnicamente, eu era bissexual. Minha linha do tempo teria todos os indícios. Brincou de Tartarugas Ninja. Fez escolinha de futebol. Recusou-se a vestir uma saia. Apaixonou-se por professoras. Gostou de um seriado de ficção científica cuja vilã era na verdade um lagarto e absolutamente tentadora. Quis falar sobre isso e apaixonou-se pela psicóloga. Frequentou boates gay com identidade falsa. Assistiu ao clipe de Alicia Silverstone e Liv Tyler barbarizando nas estradas mais ou menos umas duzentas vezes, e sozinha, e deitada de bruços. Beijou colegas em banheiros públicos. (BENSIMON, 2013, p. 45).

Curiosamente, são enumerados diversos itens que a sociedade associa com uma identidade masculina, o que seria para Cora uma pista sobre sua sexualidade. Entretanto, são apenas formas de tentar encaixar uma sexualidade em pistas de um padrão heteronormativo, afinal, segundo tal regime de verdade, nenhuma garota sairia “ilesa” – leia-se heterossexual – dessa série de comportamentos masculinizados. A ironia é que Julia passou por semelhantes momentos e não se identifica com nenhum lado dos extremos e a própria Cora admite que ficava com meninos por inércia e com meninas por encantamento (BENSIMON, 2013). Isso demonstra como Bensimon constrói personagens que ilustram a subjetividade humana: ao induzir o questionamento de elementos associados à homossexualidade, ela promove a noção de como todos esses artifícios fazem parte de uma *performance* no sentido butleriano.

A cena final do romance se torna emblemática para pensar de que maneiras a teoria queer e sua indefinibilidade servem para contestar qualquer possibilidade de fixidez de identidades. A mescla entre passado e presente irrompe nas páginas após o fim da viagem: enquanto o presente foca na chegada de Julia em Paris e a excitação de Cora ao recebê-la, o passado penetra na mesma página com uma cena de Julia chegando à casa de Cora quando eram jovens. Dessa maneira, ignora-se qualquer possibilidade de um *happy ending* que significaria, de certa forma, fechar as possibilidades. Não há respostas para questionamentos tradicionais sobre a relação de Cora e Júlia. O que a *road trip* delas buscou demonstrar é justamente a metáfora da viagem: cada vez menos preocupadas com a noção de onde se encaixariam, a viagem representou passos importantes que precisavam ser dados para a desconstrução das imagens que uma tinha da outra.

Um final feliz e fechado significaria ignorar toda a complexidade da discussão das identidades de Cora e Julia em sua jornada pelo interior do estado (e pelo interior de si mesmas). Louro (2016) cita que personagens “que transgridem gênero e sexualidade podem ser emblemáticas da pós-modernidades [mas que] elas não se colocam, aqui, como um novo ideal de sujeito.” (2006, p. 23). Dessa forma, a indefinição é a melhor forma de discutir as “identidades que tremem” de Cora e Julia, justamente por permitir que ambas, de maneiras distintas, se compreendam como sujeitos queer: destoando das normas, subvertendo determinados valores, burlando as fronteiras das definições.

A viagem de Cora e Julia em *Todos nós adorávamos caubóis* é, portanto, uma representação das possibilidades de interação entre teoria queer e discussões sobre identidade/identificações. A viagem como metáfora de construção de subjetividades se torna de fato um elemento sobre a jornada – as mudanças, os deslocamentos, as fragmentações – e deixa de ser sobre o destino, deixa de ser sobre a linha de chegada. Para Cora e Julia, a busca por um lugar seguro se esvai a cada momento que param e refletem sobre seus passados e como buscavam se alinhar aos regimes de verdade disponíveis. A viagem subverte qualquer possibilidade de consistência que elas poderiam buscar e o passado não mais é aquele lugar seguro no qual elas existiam como amigas. A pergunta que o romance deixa para leitores e que não se busca responder é: tão somente amigas?

Referências

- ALMEIDA, Maria Fernanda Vasconcelos de. A desconstrução do feminino no discurso lésbico. In: LOPES, Denilson et al. (Org.). *Imagem & Diversidade Sexual: estudos da homocultura*. São Paulo: Nojosa Edições, 2004. p. 162-166.
- BENSIMON, Carol. *Todos nós adorávamos caubóis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- BENSIMON, Carol. *O clube dos jardineiros de fumaça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- BOURDIEU, Pierre. *Practical Reason: On the Theory of Action*. Stanford: Stanford University Press, 1998.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro/Vinhedo: Editora da UERJ/Horizonte, 2012.
- FACCO, Lucia. *As Heroínas Saem do Armário: Literatura lésbica contemporânea*. São Paulo: Edições GLS, 2004.
- GARBER, Linda. On the evolution of queer studies: Lesbian feminism, queer theory and globalization. In: RICHARDSON, Diane; MCLAUGHLIN; CASEY, Mark. (Eds.) *Intersections between Feminist and Queer Theory*. New York: Palgrave Macmillan, 2006, p. 78-96.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HUTCHEON, Linda. *A Poetics of Postmodernism: History, theory and fiction*. New York: Routledge, 2003.

LOPES, Denilson. *O Homem que Amava Rapazes e outros Ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. *Um Corpo Estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas – Estudos gays: gênero e sexualidades*, v. 4, n. 5, p. 18-44, 2010. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 10/10/2019.

RICHARDSON, Diane. Bordering theory. In: RICHARDSON, Diane; MCLAUGHLIN; CASEY, Mark. (Eds.) *Intersections between Feminist and Queer Theory*. New York: Palgrave Macmillan, 2006, p. 19-37.

RODRIGUES, Carla. *Coreografias do Feminino*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.

SEIDMAN, Steven. Identity and politics in a “postmodern” gay culture: some historical and conceptual notes. In: WARNER, Michael (Ed.). *Fear of a Queer Planet: Queer politics and social theory*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2004. p. 105-142.

SPIVAK, Gayatri Chkravorty. *The Post-colonial Critic: Interviews, Strategies, Dialogues*. New York: Toutledge, 1990.

NOTAS DE AUTORIA

Ruan Nunes Silva (ruan.nunes@hotmail.com) é Professor Assistente de Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa da Universidade Estadual do Piauí. Doutorando em Estudos de Literatura na Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestre em Literaturas de Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Como citar esse artigo de acordo com as normas da revista

SILVA, Ruan Nunes. “...Tão somente amigas”?: pensando o queer em *Todos nós adorávamos caubóis* de Carol Bensimon. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 101-114, 2020.

Contribuição de autoria

Não se aplica.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em: 15/10/2019

Aprovado em: 03/04/2020

